



APRESENTAÇÃO

É com uma satisfação enorme que apresentamos aos leitores da RevDia o Dossiê *Avaliações, Identidades e Norma(s) Sociolinguísticas*. Estão aqui reunidos nove artigos, fruto de pesquisas recentes desenvolvidas pelos membros do **SoLAR – Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara**. Esse conjunto de trabalhos marca um momento importante das atividades do grupo, que completa 14 anos em 2019. Trata-se de resultado da consolidação de um trabalho coletivo de reflexão sobre a língua em suas (inter)relações com o social e o histórico.

O **SoLAR** nasceu como **NEVAr** (Núcleo de Estudos em Variação Linguística de Araraquara), um grupo interessado em discussões sobre Variação e Mudança Linguística na perspectiva laboviana, atuando no âmbito do **LEDiP** (Laboratório de Estudos Diacrônicos do Português), sediado na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Araraquara. Gradualmente, o núcleo foi assumindo uma maior autonomia em relação às demais pesquisas do Laboratório, até firmar-se como um grupo independente, que reúne pesquisadores de diferentes níveis – doutores, pós-graduandos, graduandos – em torno de investigações sobre as relações língua-sociedade e língua-cultura, em seus diferentes matizes.

Um dos focos principais das pesquisas do Núcleo foi e continua a ser as discussões sobre processos de variação e mudança, particularmente do/no português brasileiro, mas também em estudos comparativos, em consonância com um dos grandes tópicos da agenda da Linguística Brasileira – o processo de constituição do português brasileiro. Mas outros interesses foram se agregando às questões iniciais, seguindo o próprio desenvolvimento da área. E assim o **NEVAr** tornou-se **SoLAR**, revelando em seu nome a abrangência de suas investigações.

As pesquisas do grupo se pautam pela profunda convicção de que a língua não se explica apenas pela sua estrutura interna, mas sim a partir de um intrincado tecido de forças linguísticas e sociais. A apreensão plena de seu funcionamento se dá quando observamos como a razão de sua existência (o para quê) molda a massa complexa de fonemas, morfemas, sintagmas, regras de combinação, articulações que compõem o repertório linguístico do falante. Essa massa, ainda que historicamente determinada, normatizada, é apenas relativamente estável. Está sempre sujeita às forças e desejos de seus usuários, num estado permanente de tensão, que pode se manifestar menos ou mais fortemente, a depender das injunções do momento histórico, do peso das normas, dos valores de menor ou maior liberdade de expressão vigentes. A expressão linguística concreta emerge, assim, da convergência ou do conflito entre norma(s) – linguísticas e sociais, entre identidades, entre avaliações. Desse jogo constante, dá-se a mudança, consequência natural e inevitável do próprio uso.

Os estudos que trazemos aqui são retratos dessas possíveis convergências e conflitos. Estão organizados em três eixos – da *Identidade*, da *Avaliação* e da *Norma*, em função do aspecto destacado pelo estudo, ainda que os três, de algum modo, estejam quase sempre presentes, entretecidos na construção dos significados sociais e linguísticos.

No eixo *Identidade*, há dois trabalhos que investigam identidades locais de cidades do interior do estado de São Paulo. O primeiro deles é intitulado *Relação entre língua e identidade: a fala denuncia quem somos*, de autoria de **Pricila Balan Picinato**. Nele, a autora avalia como o falante constitui sua identidade e como isso se reflete no comportamento linguístico que apresenta. O que está em jogo nesse trabalho, principalmente, é a relação que esses falantes estabelecem entre sua produção linguística e a ideia de “falar caipira”. O segundo trabalho no interior desse eixo - *Atitude e avaliação linguística: os bonfinenses e os moradores de condomínio* -, de **Bruna Loria Garcia**, parte de um fenômeno específico – a concordância verbal de terceira pessoa do plural – para analisar possíveis diferenças que se estabelecem entre o modo como falam e como percebem essa fala tanto moradores de condomínios quanto os chamados bonfinenses. Aos condôminos estão associadas as normas linguísticas prestigiadas (com índices mais altos de concordância verbal), o estilo de vida urbano e um grau maior de escolarização, enquanto os bonfinenses se associam mais aos valores sociais rurais, ao estilo de vida mais pacato e a um menor grau de escolarização.

No eixo *Avaliação*, temos dois trabalhos centrados em “um espaço em que se constroem crenças e se moldam atitudes” – a escola, com o objetivo de investigar atitudes de professores frente a fenômenos da língua. No primeiro deles, intitulado *Avaliações subjetivas de professores do interior de São Paulo em relação aos desvios ortográficos*, **Marcus Garcia de Sene** analisa o modo como professores avaliam desvios ortográficos de naturezas distintas (fonética e de convenção de escrita) produzidos por seus alunos. No segundo trabalho desse eixo, intitulado *A avaliação de professores da rede pública de Uberaba-MG e o fenômeno variável da concordância verbal: uma reflexão sociolinguística*, **Larissa Campoi Pelucco** e **Rafaela Regina Ghessi** partem de um fenômeno de natureza morfossintática, analisando o modo como professores avaliam produções escritas de seus alunos, sobretudo no que se refere ao peso que a concordância verbal não-redundante acaba tendo nessa etapa do processo de ensino-aprendizagem. Ambos os trabalhos, emprestando aqui as palavras de Sene, chegam “a resultados que apontam para certo distanciamento entre o ensino de língua portuguesa e uma atitude predominantemente reflexiva sobre a língua”.

Por fim, sob o eixo *Norma* estão reunidos cinco estudos. Em “*Por onde anda você?*” – *sobre a norma e o uso de onde na fala paulista*, **Milena Aparecida de Almeida** e **Rosane de Andrade Berlinck** investigam o uso do pronome *onde* em uma amostra de variedade da fala paulista. Contraindo-se à visão tradicional sobre o emprego do item como pronome relativo indicador de ‘lugar em que’, as autoras identificam usos “desviantes”, não locativos, caracterizando-os segundo seus contextos sintáticos, os espaços textuais em ocorrem e o perfil dos falantes que os empregam. Também discutem em que medida tais usos fazem parte de um processo de gramaticalização de *onde*. Em *A influência da escolaridade e do sexo/gênero no uso variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural*, **Alexandre Monte** avalia o efeito das variáveis escolaridade e sexo/gênero sobre o uso da concordância verbal de terceira pessoa do plural em dados de São Carlos, SP. Ambas as variáveis mostraram-se, como esperado,

relevante para as duas pesquisas com dados da cidade de São Carlos/SP. Para a variável sexo/gênero, as mulheres lideraram mais a forma padrão de concordância do que os homens, enquanto a variável escolaridade mostrou-se nitidamente a crescente frequência de concordância (e os pesos relativos validam a importância da variável) na medida em que aumenta a escolarização

Leandro Silveira de Araújo, em *O impacto da referência temporal de passado sobre o uso do pretérito perfecto em Madri*, realiza um estudo acerca da variação no uso das formas do *pretérito perfecto simple* (*estudié* - **PPS**) e *compuesto* (*he estudiado* - **PPC**) em Madri. O autor observou que a inserção do PPC no contexto de Passado Absoluto – ainda discreta e não prevista pela norma gramatical – parece ser um uso recente e com potencial de incremento, haja vista que está especialmente relacionado a falantes mais jovens. Em “*Atração do pronome*”? *Discutindo a atuação de proclisadores no PE e no PB sob o viés das normas*, **Caroline Carnielli Biazoli** analisa e questiona a validade do princípio de “atração do pronome”, fixado pela tradição gramatical. A autora realiza um estudo descritivo-comparativo entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), a partir de textos orais e escritos produzidos nos primeiros anos deste século.

O texto de **Sílvia Maria Brandão** - *Variável faixa etária – índice de pressão social e/ou mudança em curso?* – fecha nosso Dossiê. Nele a autora discute o papel da faixa etária sobre o fenômeno da alternância verbal em condicionais potenciais e irrealis do português paulista. A partir da constatação de padrões de uso distintos em cada tipo de condicional e em cada faixa etária, chegou-se a interpretações também distintas do modo como funciona cada variante, sobretudo no que se refere ao estágio em que podem se encontrar formas há tempos consagradas pela norma.

Desejamos que a leitura desses estudos seja prazerosa e enriquecedora para nossos leitores, tal como tem sido essa mais de uma década de pesquisas e formação no âmbito do **SoLAR**.

Saudações cordiais!

Rosane de Andrade Berlinck